



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL

**CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS E
HUMANAS**

GUILHERME ARRUDA NOVAKOSKI

**A MIGRAÇÃO ENTRE JOVENS DA COMUNIDADE DE AREIÃO, CÂNDIDO DE
ABREU/PR:**

UM ESTUDO DE CASO SOBRE ÊXODO RURAL

LARANJEIRAS DO SUL

2021

GUILHERME ARRUDA NOVAKOSKI

**A MIGRAÇÃO ENTRE JOVENS DA COMUNIDADE DE AREIÃO, CÂNDIDO DE
ABREU/PR:**

UM ESTUDO DE CASO SOBRE ÊXODO RURAL.

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Interdisciplinar em Educação do
Campo: Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
como requisito para obtenção do título de
graduado em Interdisciplinar em Educação do
Campo - Ciências Sociais e Humanas -
Licenciatura.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Marcon

LARANJEIRAS DO SUL

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Novakoski, Guilherme Arruda

A MIGRAÇÃO ENTRE JOVENS DA COMUNIDADE DE AREIÃO,
CÂNDIDO DE ABREU/PR: UM ESTUDO DE CASO SOBRE ÊXODO RURAL
/ Guilherme Arruda Novakoski. -- 2021.

48 f.

Orientadora: Doutora Fernanda Marcon

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Interdisciplinar em Educação do Campo:
Ciências Sociais e Humanas, Laranjeiras do Sul, PR,
2021.

1. Comunidade do Areião;. 2. Êxodo Rural;. 3.
Juventudes;. 4. Juventudes do campo/rural;. 5. Cândido
de Abreu;. I. Marcon, Fernanda, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GUILHERME ARRUDA NOVAKOSKI

**A MIGRAÇÃO ENTRE JOVENS DA COMUNIDADE DE AREIÃO, CÂNDIDO DE
ABREU/PR:**

UM ESTUDO DE CASO SOBRE ÊXODO RURAL.

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Interdisciplinar em Educação do
Campo: Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
como requisito para obtenção do título de
graduado em Interdisciplinar em Educação do
Campo - Ciências Sociais e Humanas -
Licenciatura.**

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 21/05/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Fernanda Marcon – UFFS

Orientadora

Prof.^o Dr. ^o Fábio Pontarollo – UFFS

Avaliador

Prof.^o Dr. ^o Fábio Zeneratti – UFFS

Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, o qual me conduziu ao longo desta jornada. Às muitas pessoas que contribuíram, seja na amizade ou companheirismo, do apoio e da ajuda na execução dos trabalhos durante toda a graduação e neste período de conclusão de curso.

Agradeço a minha família, pois, durante todo o curso de graduação me apoiaram, dando força e incentivo nas horas que pensei em desistir.

Agradeço a todos os professores pela dedicação, esforço e incentivo durante todo o curso, elementos necessários para vencer as dificuldades encontradas nesta caminhada. Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Fernanda Marcon, que me auxiliou durante toda a escrita deste trabalho, me dando apoio e suporte necessário.

Nesse contexto, agradeço aos jovens da Comunidade do Areião, município de Cândido de Abreu/PR, tanto aqueles que permaneceram na comunidade como aqueles que saíram, pois, todos tiveram grande contribuição para a realização deste trabalho de conclusão de curso. Agradeço também à Dona Eugênia, a qual auxiliou no trabalho de pesquisa referente à história da comunidade do Areião.

Agradeço aos meus amigos e colegas, que durante todo o percurso, de uma forma ou de outra, contribuíram para a construção deste trabalho. Principalmente à minha namorada, que me ajudou e deu forças desde o início do curso até a defesa deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo de natureza qualitativa referente ao êxodo rural de jovens da comunidade do Areião, localizada no município de Cândido de Abreu – PR. O conceito de juventude é discutido de forma geral, tendo um enfoque maior sobre o conceito de juventude rural/do campo, relacionando autores/as e perspectivas teóricas sobre o assunto. O trabalho tem como principal objetivo compreender a migração dos jovens da comunidade do Areião e suas principais motivações ao deixar o campo. Foi analisado, além disso, quais são os problemas encontrados em relação à inserção dos jovens no campo brasileiro, bem como serão exploradas as relações sociais entre a comunidade e os jovens que a compõem. A metodologia deste trabalho buscou analisar os resultados das entrevistas semiestruturadas realizadas entre jovens que saíram da comunidade e aqueles que permaneceram nela e assim compreender os motivos que levaram os jovens a saírem da comunidade, causando o êxodo rural de jovens.

Palavras-chave: Comunidade do Areião. Cândido de Abreu. Êxodo Rural. Juventudes. Juventudes do campo/rural.

ABSTRACT

This work presents a qualitative study regarding the rural exodus of young people from the Areião community, located in the municipality of Cândido de Abreu - PR. The concept of youth will be discussed in general, with a greater focus on the concept of rural youth/youth in the countryside, relating authors and theoretical perspectives on the subject. The main objective of this work is to understand the migration of young people from the Areião community and their main motivations when leaving the countryside. In addition, it will be analyzed what are the problems found in relation to the insertion of young people in the Brazilian countryside, as well as the social relations between the community and the young people who compose it will be explored. The methodology of this work will seek to analyze the results of the semi-structured interviews carried out among young people who left the community and those who remained in it.

Keywords: Areião Community. Cândido de Abreu. Rural exodus. Youths. Youths from the countryside / rural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1.....	32
Gráfico 2.....	32
Gráfico 3.....	35
Gráfico 4.....	35
Quadro 1.....	13
Quadro 2.....	14
Quadro 3.....	21
Fotografia 1.....	29

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	24
Figura 2.....	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - JUVENTUDES E JUVENTUDES RURAIS/DO CAMPO	11
1.1 JUVENTUDES RURAIS/DO CAMPO	12
1.2 ÊXODO DE JOVENS DO CAMPO PARA AS CIDADES E O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO CAMPO.....	15
1.3 ENVELHECIMENTO, MASCULINIZAÇÃO DO CAMPO E ÊXODO RURAL.....	17
1.4 POLÍTICAS PÚBLICAS COM RELAÇÃO AOS JOVENS NO BRASIL, LIBERDADE E PERMANÊNCIA EM CASA.....	19
1.5 PERMANÊNCIA NO CAMPO E VALORIZAÇÃO DA AGRICULTURA	20
CAPÍTULO 2 - O MUNICÍPIO DE CÂNDIDO DE ABREU: ASPECTOS DEMOGRÁFICOS E ECONÔMICOS.	23
2.1 A COMUNIDADE DO AREIÃO	25
CAPÍTULO 3: OS/AS JOVENS DO AREIÃO E O ÊXODO RURAL	29
3.1 EDUCAÇÃO E TRABALHO NA COMUNIDADE DO AREIÃO	29
3.2 VIDAS NA CIDADE: PARA ONDE VÃO E O QUE FAZEM OS JOVENS QUE SAEM DO AREIÃO	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE 1.....	42

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar as motivações que levaram os/as jovens da comunidade do Areião, no município de Cândido de Abreu-PR, a permanecer ou não no meio rural. O motivo que me levou a pesquisar sobre o tema, partiu de uma inquietação pessoal, sou morador da comunidade e presenciei a maioria das saídas dos jovens entrevistados e me atentei que esse tema seria ideal para uma pesquisa mais a fundo para dessa forma compreender por quais motivos os jovens buscam sair da comunidade. Para tanto, buscou-se compreender quais são os motivos que levam à saída dos jovens da comunidade após, geralmente, a conclusão do ensino médio ou mesmo antes, analisando o processo que conduz os jovens a buscar a cidade como um lugar que, acreditam, irá trazer possibilidades de emprego e melhores condições de vida.

A proposta desse trabalho é ampliar a compreensão sobre o êxodo rural existente na comunidade, bem como sobre a realidade socioeconômica desses/as jovens. Neste contexto, o problema da pesquisa está voltado para a análise dos diferentes motivos que determinam a saída dos jovens da comunidade. Com o problema de pesquisa levantado, espera-se que este estudo possa contribuir para a reflexão dos dilemas relacionados à juventude rural/do campo.

A comunidade do Areião, desde seu início, passou por inúmeras transformações quanto à capacidade de produção. Essas mudanças são notadas também na distribuição demográfica da população. Aos poucos, os centros urbanos foram se tornando mais populosos e a área rural cada vez menos habitada. Isso pode ser justificado pela desvalorização dos produtos da agricultura, principalmente de base familiar, bem como pela visão de inferioridade que fora construída com relação a este meio de sobrevivência, existência e produção.

Com a Revolução Verde, na década de 1970, as culturas foram direcionadas para a produção em larga escala, com a utilização de novas técnicas de manejo e produção, uso intensivo de insumos e agrotóxicos. Tudo isso era impossível de ser feito pelo agricultor de pequenas propriedades. Sem ter acesso à essa tecnologia, muitos agricultores acabaram saindo do campo e buscando sua sobrevivência nos centros urbanos. Como citado no Dicionário da Educação do Campo, uma educação voltada à valorização do campo e dos sujeitos que vivem e produzem

nele, se coloca como importante para desconstruir a desvalorização histórica. Segundo Caldart *et al* (2012: 293), a particularidade do projeto da Educação do Campo:

(...) possui como norte uma educação profissional campesina crítica de um projeto de educação rural que vislumbra a formação profissional dos trabalhadores do campo em função da dinâmica do capital, que aparta a relação entre campo e cidade, colocando em posição subalterna os valores éticos, políticos, culturais e econômicos do campo em relação aos valores e a produção de vida na cidade. Por essa linha, equivocada, a intenção é romper a relação que liga os trabalhadores do campo e da cidade, em seus contextos próprios e específicos, no conjunto da produção e da reprodução do sistema capitalista, perdendo de vista, justamente, a dialética que relaciona o campo e a cidade.

Nesse sentido, a juventude rural/do campo recebe uma educação voltada à percepção de que o modo de vida da cidade é superior ao do universo rural. Os projetos de sair das comunidades rurais vão se constituindo aos poucos e na juventude encontram a falta de trabalho e perspectiva reais deste contexto, em que faltam políticas públicas.

Este trabalho foi dividido em etapas, tendo como ponto de partida a leitura de diversos autores que tratam sobre a temática da juventude e do êxodo rural. Do mesmo modo, buscou-se a partir da leitura destes autores compreender os jovens da comunidade do Areião, bem como a permanência ou não destes jovens na localidade. A segunda etapa foi pautada em um breve histórico sobre o município de Cândido de Abreu, sua formação e aspectos demográficos, bem como compreender brevemente a história da comunidade do Areião e seus aspectos. Na terceira etapa foi realizada uma pesquisa com os/as jovens da comunidade, aqueles que ainda residem e os que buscaram um meio alternativo fora da comunidade em busca de melhores condições de vida. Foram realizadas quatorze (14) entrevistas semiestruturadas (Apêndices I e II), encaminhadas de formas online aos participantes junto com uma carta de apresentação e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice III), a escolha da forma de entrevistas foi consequência do momento que estamos vivendo, com a pandemia do covid-19.

A estrutura do trabalho compõe-se de 3 capítulos. No primeiro, será realizada uma revisão de literatura apresentando alguns teóricos que tratam de abordagens relacionadas às juventudes e juventudes rurais/ do campo, bem como assuntos

relacionados ao êxodo rural de jovens. O segundo capítulo apresenta uma abordagem sobre a história do município de Cândido de Abreu, seus aspectos demográficos e econômicos, assim como da comunidade do Areião, no sentido de auxiliar a compreensão do local da pesquisa. No terceiro capítulo, as discussões até então levantadas, serão retomadas. Estas questões serão enriquecidas com as análises das entrevistas realizadas com os/as jovens da comunidade do Areião. Por fim, serão apresentadas as considerações finais do trabalho, sendo então realizada uma análise de todo o conteúdo pesquisado, suas contribuições, bem como temas que ainda podem ser abordados a partir do que foi exposto.

CAPÍTULO 1 - JUVENTUDES E JUVENTUDES RURAIS/DO CAMPO

Este capítulo desenvolve, inicialmente, o debate sobre o conceito de juventudes e juventudes rurais/do campo, e como os/as autores/as se posicionam em suas pesquisas bem com relação à construção de conceitos tão amplos. A pesquisa preocupa-se, em primeiro lugar, em tomar a juventude enquanto categoria a ser definida pela própria observação investigativa, pensando na realidade dos jovens da comunidade do Areião.

A definição conceitual de jovens/juventudes é uma das principais preocupações dos pesquisadores que estudam processos sociais protagonizados por estes atores (WEISHEIMER, 2009). O conceito de juventude é muito amplo e existem muitos trabalhos sobre ele, para definir um indivíduo como jovem, requer observar variadas definições, assim dificultando uma caracterização geral de juventude.

Segundo Libânio (2004), existem diferentes modos de ser jovem, porque a juventude é plural e heterogênea. A sociedade moderna não diferencia, de forma exata, os papéis sociais atribuídos ao jovem. Ao mesmo tempo em que é visto como estando em uma fase importante para o desenvolvimento de sua personalidade, também é tratado como subordinado e marginalizado quando o assunto é trabalho e política. É comum o olhar de desconfiança sobre o jovem, uma série de situações que em conjunto impõem angústias a estes que, em alguns momentos, se consideram aptos e, em outros, inaptos para a vida social.

O conceito de juventude pode ser definido por vários critérios, como faixa etária, ciclo de vida, geração, cultura ou modo de vida e representação social. A caracterização de um jovem varia de uma cultura para outra, pois cada sociedade seleciona os critérios que definem o que é ser jovem. Em geral, a juventude é considerada uma transição da fase de criança para a fase da vida humana com mais responsabilidades e independência.

O conceito de jovem no meio rural vem sendo inferiorizado pelos adultos em relação aos conhecimentos, pois até uma certa idade os jovens são considerados apenas aprendizes no meio rural, não aptos a tomar decisões na família, pois estão sempre acompanhados dos pais ou responsáveis. A juventude está sendo caracterizada como o agente principal para a continuação do desenvolvimento no

futuro, principalmente os jovens que estão localizados no campo, no qual acontecem casos em que os jovens permanecem no campo para tomar conta da propriedade e serviços, dando continuação ao trabalho e saberes dos pais.

Quando se pensa no meio urbano, a cultura jovem é caracterizada pela linguagem, acessórios e o modo de se vestir, que estão sempre ligados com alguma tendência do mercado. Já os jovens no campo, são imaginados desde muito cedo como ligados aos serviços dos pais e a partir de uma idade já se considera que conseguem exercer algumas atividades do dia a dia para auxiliar os pais em casa ou na agricultura familiar (TROIAN e BREITENBACH, 2018). Ou seja, estão diretamente ligados ao mundo do trabalho, e não do consumo e subversão das normas.

Elisa de Castro (2005), em seu trabalho, reflete sobre o conceito de jovem e juventude:

Esse olhar quase heroico da “juventude” perpassa muitos trabalhos sobre o tema, nos quais a “juventude” aparece como agente de transformações sociais e o “jovem” como o ator social privilegiado. Mas pouco se trata da construção nativa dessa categoria e os múltiplos significados que carrega. Mesmo quando se faz a crítica à substancialização ou a pré-definições etárias, em muitos casos, vemos ser reforçada a característica transformadora inerente ao “jovem”. Ou ainda, na inversão desse olhar que associa “jovem” à delinquência, tais como os textos que utilizam termos como “delinquência juvenil” para retratar determinados indivíduos que teriam em comum a idade e uma forma de se comportarem. Por outro lado, definições como “jovens em situação de risco” são a base para alguns programas sociais que pretendem reintroduzir na sociedade esses “excluídos”. Estas duas perspectivas apontam “jovem” como dotado de características que definem determinados indivíduos a priori (CASTRO, 2005, p.23).

Nesse sentido, a juventude rural/do campo, foge até às generalizações mais comuns atribuídas aos jovens: as de delinquência e heroísmo transformador. Os jovens do campo sofrem uma dupla exclusão, por serem jovens e por serem do campo, viverem na zona rural.

1.1 JUVENTUDES RURAIS/DO CAMPO

A princípio existem cinco definições conceituais indispensáveis para a caracterização dos jovens: faixa etária, ciclo de vida, geração, cultura ou modo de vida e representação social. É a partir desses cinco princípios conceituais que os

autores se baseiam para discutir sobre o conceito de juventude. A seguir, no **Quadro 1**, podemos analisar as diferentes abordagens sobre a juventude e suas definições.

Quadro 1 – Síntese dos critérios utilizados na definição de juventude com base em diferentes abordagens.

Abordagens de juventude	Definição de juventude e critérios de categorização
Faixa Etária	O critério é a idade dos pesquisados, indicadores demográficos, critérios normas ou padrões estabelecidos pelos organismos internacionais.
Ciclo de Vida	Período de transição, fase da vida humana de começo bem definido pelo aparecimento da puberdade. Perspectiva adotada pela UNESCO.
Geração	Jovens são inerentemente contestadores, essa rebeldia é necessariamente transitória, como a juventude. Juventude passa a ser vista a partir de seus potenciais de mudança, pela sua capacidade criadora e inventiva.
Cultura ou Modo de Vida	Definida por critérios culturais, destacando-se a importância de espaços de sociabilidade juvenis na constituição de suas identidades. Estreita relação com a mídia, essa juventude está ligada à sociedade de consumo, vestimentas, acessórios, linguagem particulares.
Representação Social	Condição juvenil como uma posição hierárquica social fundada em representações sociais, ou seja, na busca de responder aos significados atribuídos que definem quem é e quem não é jovem em um dado contexto sociocultural.

Fonte: Elaborado pelos autores Troian e Breitenbach (2018, p. 791) a partir de Mannheim (1968) e Weisheimer (2005).

A caracterização dos seres humanos como jovens é baseada principalmente nas definições do quadro acima. Com essas palavras, podemos perceber que a definição de juventude se dá para cada país de uma faixa etária, assim dificultando a definição de jovem. Já o Brasil, segundo Weisheimer (2009), segue o padrão de análise para a caracterização e definição da faixa etária da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ), considerando jovens os que se encontram entre 15 e

29 anos, assim evidenciando a existência de vários critérios cronológicos para caracterizar a juventude.

No **Quadro 2** podemos analisar detalhadamente os resultados formados de autores/as que direcionaram suas pesquisas para compreender a juventude no Brasil. Encontramos, assim, os principais trabalhos, suas áreas de estudo, conceitos e os respectivos resultados sobre a questão estudada até o momento.

Quadro 2 – Autores/as, conceitos e resultados de pesquisa sobre juventude rural no Brasil.

Autores brasileiros e área de estudo	Principais resultados dos estudos com juventude desenvolvidos no Brasil e conceitos de juventude utilizados
Abramovay et al. (1998) – Jovens no processo sucessório na agricultura familiar	O esvaziamento do campo é uma ameaças para o desenvolvimento rural; O êxodo da juventude promove o envelhecimento do meio rural e a masculinização do campo – maior parte dos emigrantes rurais são moças. Não ficam evidentes os critérios e conceitos de juventude utilizados.
Brumer et al. (2000) – Jovens filhos de agricultores familiares e o processo migratório.	A permanência dos filhos na atividade agrícola depende das condições (econômicas e sociais) das famílias: viabilidade econômica da propriedade, qualificação para a entrada em novos mercados, estratégias de obtenção de rendas complementares, relação entre gerações, questão de gênero e escolha profissional. Não ficam evidentes os critérios e conceitos de juventude utilizados.
Brumer (2004) – Inserção das mulheres na agricultura familiar; gênero no processo migratório.	Os jovens se inserem nas atividades da unidade familiar de modo subalterno; trabalham com os adultos e dependem de boa vontade para ter recursos para o lazer e a compra de objetos pessoais; ocorre divisão do trabalho por sexo, os rapazes acompanham ou substituem os pais, e as moças, as mães em suas atividades específicas. Não ficam evidentes os critérios e conceitos de juventude utilizados.
Freitas (2009) – Jovens rurais na universidade: sociabilidade e projeto de vida.	Desejo dos jovens em manter os laços com a vida rural, mesmo ingressando na faculdade; interesse em estudar e trabalhar com agricultores, para manter os vínculos com o meio rural ou então trabalhar na localidade, mesmo com atividades não agrícolas. Não ficam evidentes os critérios e conceitos de juventude utilizados.
Carneiro (1998; 2005) – Fronteiras rurais e urbanas.	Morando em áreas rurais e transitando por áreas urbanas, os jovens vivenciam diferentes redes sociais e práticas culturais; são invisíveis para a maioria das pesquisas acadêmicas e projetos de desenvolvimento voltados para o mundo rural; chama a atenção de pesquisadores. Juventude: fase de preparação para ingresso no mercado de trabalho, não ter constituído unidade familiar autônoma via casamento.

Castro (2005; 2013) – Jovens rurais de assentamentos na região de Seropédica no Rio de Janeiro.	O termo jovem possui diferentes significados de acordo com espaços de sociabilidade em que está atuando; a decisão entre ficar ou sair do meio rural está relacionada ao “peso” da autoridade paterna; sair de casa rompe com a dependência econômica e social paterna. Juventude: autorrepresentação, aqueles que se autodenominam jovens, independentemente de idade ou estado civil.
Wanderley (2007) – Desejos e futuro dos jovens rurais filhos de agricultores familiares de Pernambuco.	Alguns jovens projetam permanecer no meio rural (para realização pessoal e profissional); para outros, o projeto de vida é ser médico, advogado, bailarina, jornalista, entre outros; para todos os jovens rurais, o principal projeto é vencer o isolamento e ter acesso à educação. Juventude como faixa etária de 15 e 24 anos – abordagem cronológica
Weisheimer (2004; 2005; 2009) – Juventude rural do Rio Grande do Sul.	Os projetos profissionais têm diferenciações sexuais e etárias, presentes nas práticas do trabalho e nas disposições necessárias a sua reprodução. Detectou-se projetos profissionais agrícolas e a recusa das jovens de permanecer nesta atividade. Juventude como faixa etária de 15 a 29 anos – abordagem cronológica.
Lopes; Doula (2013) – Usos de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) entre jovens rurais.	Acesso às redes virtuais pouco difundido na área rural; similaridade nos usos da Internet pelos jovens rurais e urbanos; modos de usos e apropriações dos jovens sobre a tecnologia variam com conhecimento e ferramentas da Internet; pouco tempo para acesso; usam lan houses; priorizam diversão e comunicação. Juventude como faixa etária de 18 e 29 anos, abordagem cronológica.
Troian (2014) – Projetos de vida dos jovens e percepções do cultivo de tabaco.	Heterogeneidade de percepções e diversidade de projetos; percepções dos jovens rurais são negativas em relação ao tabaco, mas os projetos de vida nem sempre são desvinculados ao cultivo; muitos jovens projetando a permanência no rural. Juventude como faixa etária de 14 e 25 anos – abordagem cronológica.

Fonte: Elaborado pelos autores Troian e Breitenbach, 2018, p.796.

1.2 ÊXODO DE JOVENS DO CAMPO PARA AS CIDADES E O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO CAMPO

O ápice da migração campo-cidade se deu por volta dos anos de 1980. A partir de estudos realizados por Abramovay e Camarano (1999) no território brasileiro, os resultados dos pesquisadores indicam que a maior porcentagem de indivíduos que migram do campo é jovens e dentro dessa porcentagem a maior parte dos jovens são mulheres que vão em busca de maior nível de escolarização e qualificação para o mercado de trabalho. Os resultados dessa migração estão alavancando um certo envelhecimento da população rural.

Na citação a seguir, podemos analisar alguns resultados considerados importantes para se compreender a saída das mulheres jovens do campo brasileiro e ter consciência de que não são apenas os homens que migram do campo, e sim a maior quantidade dos jovens que migram do campo são mulheres jovens:

O movimento de migração campo-cidade implica no deslocamento de famílias de agricultores e principalmente os jovens para os centros urbanos, atualmente. No entanto, tais trabalhadores não são absorvidos pelo mundo do trabalho na mesma proporção em que são expulsos do campo. Um estudo do Ipea (1999) mostra que as mulheres são maioria entre os que deixam o campo. Enquanto nas cidades elas representam 51,5% da população, no campo elas constituem 47,6%. Esse fenômeno ocorre, segundo o Ipea, porque as mulheres jovens encontram empregos mais facilmente nas cidades, tanto em empresas como em residências. (HARTWIG, 2014, p. 3)

Em pesquisa ao censo do IBGE de 2010, o resultado populacional do estado do Paraná se encontra com um número de 7.657.959 de habitantes na área urbana e 1.304.628 da população localizada na área rural do estado, levando em consideração que o estado tem um território de cerca de 199.298,979 km², portanto, a aglomeração de pessoas em áreas urbanas é de uma quantidade considerável.

O processo de modernização da agricultura no Paraná se intensificou a partir de 1960, com a crise econômica que se iniciou na agricultura cafeeira. Até meados da década de 1970 era considerado o principal produto da agricultura das regiões do norte e oeste do estado do Paraná. A crise se intensificou pela alta concorrência na produção cafeeira da África e Colômbia. Outro fator que auxiliou para a crise cafeeira foi o ataque de pragas nas plantações e as alterações frequentes de temperatura climática levando o terceiro maior produtor de café do mundo a repensar sua produção e forma de trabalho.

Com a produção cafeeira do Paraná em crise, o Governo Federal tomou a iniciativa de criação do Grupo Executivo de Racionalização da Agricultura. O objetivo da criação desse grupo era revigorar a economia e tornar sua produção mais hábil, implantando outras produções em solo paranaense, estimulando a produção de soja e trigo no lugar do café. Desde os anos de 1950, foi possível notar um processo de modernização da agricultura que estava, no entanto, dependente da importação de produtos, máquinas e insumos agrícolas do exterior. Nesse sentido, o próprio termo modernização pode ser aplicado para se definir um “processo de transformação na base técnica da produção agropecuária no pós-guerra a partir das importações de tratores e fertilizantes num esforço de aumentar a produtividade.” (SILVA, 1996, p.

19). Contudo, o processo de modernização apenas se consolidou na década de 1960, momento em que a produção agrícola brasileira se integrou tecnicamente ao setor urbano e industrial, visando a ganhos econômicos em maior quantidade.

Houve uma transformação radical da forma de trabalho do campo paranaense com a implantação de fertilizantes, irrigação, eletrificação, conservação do solo e mecanização e, a partir dos anos de 1970 e 1980, um aumento considerável de tratores, arados para a transformação do solo para a implantação de novas produções. Além disso, houve um aumento em utilização de energia elétrica, consumo de óleo diesel para a mecanização do cultivo. Todo esse processo desencadeou o chamado “êxodo rural”, e famílias foram forçadas a migrar para as cidades, principalmente cidades de médio e grande porte e megalópoles, como São Paulo.

Com a chegada das máquinas para auxiliar na produção com maior intensidade, muitas pessoas acabaram ficando sem trabalho, pois como trabalhavam na colheita de café e com baixo nível de escolaridade e qualificação técnica, em muitos casos não poderiam operar maquinários e assim acabaram migrando para as cidades, proporcionando uma redução drástica da população rural.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o processo de modernização agrícola no Paraná ainda tem consequências visíveis. A mudança na base técnica e produtiva da agricultura paranaense acompanhou um fenômeno nacional, representado na exclusão de um número considerável de trabalhadores do campo, fosse por meio do desemprego, êxodo rural ou pelo surgimento de novas modalidades de empregos formais ou informais, como os “bóia-frias”, trabalhadores volantes ou temporários e até mesmo de novas formas de representações sociais, como no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), nos assentamentos rurais, nas ocupações de terra e nas intensificações de conflitos sociais provenientes dessas disputas.

1.3 ENVELHECIMENTO, MASCULINIZAÇÃO DO CAMPO E ÊXODO RURAL.

De acordo com os estudos de Camarano e Abramovay (1999, p. 2): “A população rural brasileira atingiu seu máximo em 1970 com 41 milhões de habitantes, o que correspondia a 44% do total. A partir dessa data, o meio rural vem

sofrendo uma queda considerável no número populacional, “chegando em 1996 ao total de 33,8 milhões de habitantes, ou 22% do total nacional.” (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999, p. 2). O deslocamento da população do campo é responsável pelo esvaziamento do campo em relação ao seu número populacional, ocorrendo assim um certo envelhecimento da faixa etária residente no campo.

De acordo com o autor Ravenstein (1885, p. 65), na sua obra “Leis das migrações rurais”, as mulheres acabam migrando para a cidade em maior quantidade que os homens. Em seu texto, Camarano e Abramovay (1999) afirmam que: “A maior sobremigração feminina nos fluxos migratórios foi verificada nas décadas de 50 e 80. Nos anos 50, aproximadamente 1,2 milhão a mais de mulheres, ou seja, uma sobremigração de 19%, deixaram as áreas rurais.” (CAMARANO E ABRAMOVAY, 1999, p. 13). Camarano e Abramovay citam ainda a ideia de Mendras (1995, p. 236): “(...) são as mulheres que partem mais rapidamente e em maior número, pois os homens ficam retidos por seu ofício e sua unidade produtiva, enquanto as mulheres são mais atraídas pelas atividades terciárias urbanas”, afirmando que as mulheres migram do campo mais cedo e em maior quantidade em relação aos homens, considerando que as mulheres são atraídas pelas ofertas de emprego, e com mais facilidade de se adaptar a novas rotinas e empregos acabam migrando em maior quantidade. Assim, os homens com menos diversificação de emprego acabam permanecendo em maior quantidade no campo para trabalhar com a lavoura.

Outro apontamento de Abramovay e Camarano, que cita parte da obra do autor Durston (1996b), aponta um sentido da emigração das jovens do campo

(...) num primeiro estágio da transição demográfica/ocupacional jovens rapazes pouco qualificados emigram, em geral temporariamente, para suplementar a escassa renda da família, especialmente nas etapas iniciais de formação de seus próprios lares, quando têm pouco capital, terra herdada ou trabalho para permitir sua sobrevivência no interior de sua própria unidade produtiva. Num estágio seguinte desta dupla transição, as moças estão mais expostas a alternativas à vida numa cultura ‘machista’ tradicional e alcançam mais anos de educação formal que podem servir como passaporte para trabalhos qualificados e freqüentemente não manuais, num novo ambiente. (DURSTON 1996b *apud* CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999, p. 50).

A questão levantada é importante para compreender o motivo/causa que leva as jovens mulheres a migrarem em maior quantidade que os jovens rapazes do campo. Abramovay e Camarano mencionam o trabalho de Melo (1998), com três

hipóteses levantadas. Na primeira hipótese, a migração está ligada a oferta de trabalho pelas empresas e em residências em que predomina uma determinada carga de trabalho. Na segunda hipótese, liga-se a imigração principalmente das jovens pelo fato de as mesmas ter uma grande carga de trabalho dentro da família, sendo desde muito jovens obrigadas a ter responsabilidades em casa. Para alcançar a independência econômica (terceira hipótese), o caminho mais curto é a saída da residência dos pais, e dessa forma se dá a maior porcentagem de migração pelas jovens.

A decisão de ficar ou sair do campo se constrói a partir dos elementos objetivos e subjetivos, os fatores objetivos estão ligados as dificuldades encontradas pelos jovens no acesso ao trabalho agrícola ou não-agrícola. Os fatores subjetivos são fundados a partir das condições de vida dos jovens do meio rural, o campo sendo considerado um lugar de atraso e falta de oportunidade e a cidade sendo considerada uma oportunidade maior de emprego. Os jovens que tem a ambição de ajudar a família do meio rural, buscam no meio urbano a oportunidade que faltou no campo de uma renda fixa, para assim ter como ofertar para sua família melhores condições de vida.

Um fator dominante na tomada de decisões de sair ou ficar no campo se dá a partir da hierarquia patriarcal inclusa na família, na qual se considera o pai como o chefe da família tendo o poder nas mãos para a tomada de decisão. O/a filho/a considerado/a como ajudante do pai pela família, acaba auxiliando em alguns casos na saída dos jovens do campo, que buscam liberdade para escolher o ramo a seguir e com isso ter mais liberdade.

1.4 POLÍTICAS PÚBLICAS COM RELAÇÃO AOS JOVENS NO BRASIL, LIBERDADE E PERMANÊNCIA EM CASA.

No processo de redemocratização os grupos tidos como excluídos até o momento, sendo os idosos, mulheres, negros, indígenas e jovens oriundos da classe subalternas, passaram por uma reorganização e com isso colocaram suas necessidades como pauta para o poder público. Com essa mudança se iniciou uma mobilização tanto dos jovens rurais e quanto urbanos. A partir dos anos de 2000, os

jovens começam a ter voz, pautando suas necessidades diante dos órgãos do poder público.

Com a criação do CONJUVE – Conselho Nacional da Juventude, em 2005, iniciou-se o reconhecimento da juventude como ator político para o país. Além da exclusão social da juventude brasileira, existe também a situação da invisibilidade dos jovens rurais como parcela importante da juventude no Brasil. Sua invisibilidade corrobora no desconhecimento sobre sua realidade, bem como na ausência de políticas públicas voltadas a eles.

Atualmente, o CONJUVE é vinculado ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e é composto por 30 conselheiros, sendo 10 representantes do poder público e 20 representantes da sociedade civil. A maioria dos municípios, no entanto, não possui um Conselho de Juventude, que possa atuar dentro do CONJUVE e fortalecer políticas voltadas às especificidades de cada lugar. O citado ministério, por sua vez, apresenta um viés ideológico bastante arredo às organizações civis de defesa dos direitos humanos, o que implica em uma dificuldade ainda maior para a participação popular da juventude no delineamento de políticas públicas, principalmente para as minorias.

De acordo com Esteves e Abramovay (2008), a maior insatisfação dos jovens rurais é a falta de emprego remunerado no campo. O jovem busca pelo novo e a independência é seu foco, mas a permanência no campo, na casa dos pais, acaba amputando essa liberdade, criando uma perspectiva de o campo ser um sinônimo de atraso e falta de oportunidades, facilitando a motivação dos jovens a buscar a cidade, caracterizada como um lugar de oportunidades diversas e qualidade de vida.

Outro fator determinante, segundo Castro (2007), é a construção, por longo tempo estabelecido no interior da família, de que a hierarquia e a autoridade estão depositadas na figura do pai, adultos e chefe da família. O filho, e a filha ainda mais, são caracterizados como aprendizes e ajudantes, características essas que podem estar entre a tomada de decisão de sair ou ficar no meio rural. Esse fato do empoderamento do pai como chefe, em termos rebaixando o papel dos filhos, só irá desaparecer na ausência do pai, evidenciando relações de gênero e geração, que explicam em grande parte a saída dos jovens do campo.

1.5 PERMANÊNCIA NO CAMPO E VALORIZAÇÃO DA AGRICULTURA

Os fatores que estimulam os jovens a permanecer no campo, estão ligados ao trabalho direto com a agricultura. Castro e Lima (2013) enfatizam, no quadro a seguir, os principais ensejos dos jovens rurais brasileiros em relação a decisão de ficar ou sair do campo.

Quadro 03- Razões para os jovens permanecerem ou saírem do campo.

Razões mais importantes para ficar ou deixar o campo	
Razões para ficar no campo	Razões para sair do campo
Ter terra para continuar na agricultura; Segurança da vida no campo; Satisfação com o trabalho no campo; Satisfação com a vida do campo; Facilidade para formar uma família no campo; Vontade de criar os filhos no campo; Qualidade da terra para a agricultura; Facilidade da vida no campo; Liberdade que tem para tomar as decisões que precisa tomar; Dificuldades da vida em outro lugar; Exemplo dos pais e sua satisfação por viver no campo; Falta de atratividade do trabalho na cidade; Disponibilidade, no campo, das condições que precisa para viver; Projeto para que os filhos trabalhem na agricultura; Disponibilidade, no campo, de alimentos e casa barata.	Maior chance de qualificação profissional fora do campo; Segurança da vida no campo; Pouca oportunidade de trabalho no campo; Possibilidade de melhoria de qualidade de vida no lugar onde vai morar; Possibilidade de ter outras atividades, além de trabalho, em outro lugar; Ganhos no campo insuficientes para atendimento das suas necessidades; Desejo de que os filhos tenham outra profissão, diferente da agricultura; Dificuldades da vida no campo, de modo geral; Necessidade de deixar o campo para estudar mais; Falta de condições para conseguir renda da agricultura; Falta de serviços de internet, transporte e lazer de qualidade no campo; Rigor (dureza) do trabalho no campo.

Fonte: CASTRO E LIMA (2013, p. 25).

Os jovens sofrem uma carga de influência da família em relação permanecer ou migrar para a cidade. Essa influência varia em relação à visão da família sobre o campo ser atrasado ou não. Os sentimentos de identificação com a vida no campo têm muito a definir qual será o caminho que o jovem seguirá. Com base nisso, muitos jovens ainda permanecem em suas unidades familiares no campo brasileiro, apesar das dificuldades encontradas permanecerem, como falta de trabalho e liberdade.

A valorização do campo se inicia no instante em que se valoriza o sujeito do campo. No entanto, desconstruir o pré-conceito que existe acerca do sujeito do campo, sendo considerado atrasado e culturalmente e materialmente pobre, é ainda um desafio. O modo de vida do campo é utilizado para caracterização de

inferioridade em relação ao modo de vida urbano, apresentando a ideia de que a vida no campo é sem graça e sem diversidade.

A valorização dos conhecimentos e técnicas de cultivo do homem do campo, muitas vezes são descartadas por não serem cientificamente comprovadas, mas baseadas na experiência que vem sendo passada de geração para geração. A partir da baixa escolaridade das pessoas de mais idade, porém, o conhecimento de técnicas de produção e experiências são extremamente construtivas para a formação de pessoas que buscam uma especialização na área ou no desenvolvimento científico. Cabe, nesse ponto, discutir a relação entre a ciência e os saberes populares, divisão acentuada pelo capitalismo na modernidade. De acordo com Costa e Carvalho (2012):

A expressão agricultura de subsistência, presente nos discursos dominantes desde o Brasil colonial, discrimina os camponeses por serem produtores de alimentos – uma tarefa considerada subalterna, ainda que necessária para a reprodução social da formação social brasileira –, contrapondo-os ao modo dominante de se fazer a agricultura, o qual se reproduz desde as sesmarias até a empresa capitalista contemporânea, mantendo a tendência geral de se especializar no monocultivo e na oferta de produtos para a exportação. (COSTA E CARVALHO, 2012, p. 31).

De acordo com a afirmação dos autores citados acima, ressaltamos que a agricultura camponesa é caracterizada como uma produção de autoconsumo, e muito além disso, está situada como uma forma de modo de vida, levando em consideração a produção de alimentos para o consumo. Assim, mesmo sendo considerada a principal produtora de alimentos, enfrenta muitas dificuldades em relação as empresas capitalistas que têm o poder de controle em mãos e apoio político. Mesmo com diversas repressões sobre a agricultura camponesa, ela se fortalece com o trabalho coletivo dos agricultores, com a ajuda dos movimentos sociais que buscam a permanência no campo, a Reforma Agrária e o fortalecimento da classe camponesa e de seus direitos perante as leis.

CAPÍTULO 2 - O MUNICÍPIO DE CÂNDIDO DE ABREU: ASPECTOS DEMOGRÁFICOS E ECONÔMICOS.

Neste capítulo, será discutida a história de Cândido de Abreu/PR, abordando aspectos demográficos e econômicos do município. Do mesmo modo, contemplará uma descrição da comunidade do Areião, levando em consideração assuntos relacionados à formação da comunidade, totalidade de habitantes, suas principais formas de renda e a diversificação de cultivos existentes.

O Município de Cândido de Abreu está localizado na região Central do estado do Paraná, o número populacional do município está estimado em 14.809 de habitantes aproximadamente pelo site do IBGE referente ao ano de 2020. Há uma porcentagem aproximada de 71% da população do município morando na área rural e 29% da população se encontra na área urbana. Possui uma área de 1.510 km², representando 0,7577 % do território do estado, 0,268 % da região e 0,0178 % de todo o território brasileiro. Localiza-se a uma latitude 24°34'01" sul e a uma longitude 51°19'58" oeste, estando a uma altitude de 540m. Podemos ver na **Figura 1** a localização do município no mapa do Paraná.

Figura 1 – Mapa da localização do município de Cândido de Abreu, no estado do Paraná.



Fonte: IBGE,2020.

De acordo com o site da Câmara Municipal de Cândido de Abreu, o município de Cândido de Abreu, até 26 de novembro de 1954, data de sua emancipação política, era distrito do município de Reserva-PR. Seu nome se deu devido a uma

homenagem ao engenheiro civil Dr. Cândido de Abreu, pois dedicou especial atenção aos colonizadores nesta época.

A região onde está localizado o Município de Cândido de Abreu recebeu seus primeiros imigrantes na metade do século XIX. Para o seu povoamento contou com a efetiva participação de imigrantes poloneses, alemães e ucranianos, não se pode esquecer dos caboclos que também habitavam a região antes da chegada dos imigrantes. Segundo o site da Prefeitura Municipal de Cândido de Abreu, sua origem na colonização foi estabelecida em 1847 por iniciativa do médico Dr. João Mauricio Faivre, sob os auspícios de D. Tereza Cristina, esposa do Imperador D. Pedro II, que foi grande incentivador da colonização estrangeira no Paraná. Dr. João Mauricio Faivre, na época era médico da família real, e chegou na região acompanhado de 87 franceses, aos quais auxiliou durante dois anos, fornecendo-lhes os recursos necessários à manutenção.

Deu-se, assim, a fundação da Colônia Terezinha (hoje Distrito de Tereza Cristina), sendo o primeiro modelo de cooperativismo implantado no país, na qual o Dr. João Mauricio Faivre aplicou seus vastos conhecimentos, orientando seus companheiros de produção de cimento, fabricação de tijolos, telhas e na construção de suas habitações. A localidade desenvolveu-se rapidamente. Em 1847, a Vila Agrícola Tereza Cristina saía do papel. O grupo de franceses limpou a mata, construiu as primeiras moradias e preparou o terreno para o plantio de café, baunilha, algodão, milho, trigo e cana-de-açúcar. Os moradores residiam ao lado direito do rio, que hoje pertence a Cândido de Abreu; do lado esquerdo, onde hoje é Prudentópolis, plantavam. Em 1859 contava com 236 brasileiros, 11 franceses, 6 portugueses. Dos 87 franceses que iniciaram a colonização, a maioria não permaneceu, pois não se adaptou ao sistema implantado por Faivre e, assim espalharam-se por outras regiões.

Em 1871, foi elevada à freguesia com a denominação Terezinha, mas, em 1891 passou a Distrito Judiciário com a denominação de Tereza Cristina, em homenagem à Imperatriz. O cartório foi criado em 11 de maio de 1891, e instalado em 11 de agosto de 1891, sendo seu primeiro Juiz de Paz o Sr. Antônio Mendes dos Santos, e o primeiro escrivão Sr. Falecíssimo Correia dos Santos.

Com base nos autores Strachulski, Floriani (2014), no final do XIX, a estrutura-fundiária era marcada por grandes fazendas como de pequenas

propriedades. As fazendas produziam para exportação e a agricultura familiar para subsistência, como também fornecer produtos e mão-de-obra prestando auxílio para agricultura comercial.

Podemos entender então que quem dominava eram os latifúndios, em relação com os minifúndios, vindo em encontro com a emancipação do Paraná, sendo o principal responsável por isso, o ciclo da erva-mate, da madeira e da suinocultura, que acreditasse que impulsionou nos anos 1960 a base da economia regional para o cultivo da soja, segundo Silveira (1998).

De acordo com Strachulski, Floriani (2014), diante disso, a criação de colônias foi em áreas de difícil acesso, os instrumentos de trabalho eram bem rústicos, e a agricultura era de subsistência. Os modelos agrícolas adotados pelos caboclos eram então o do roçado e da queimada, e rotação de áreas de cultivo, a criação de animais era solta, e o cultivo principal era a mandioca, abóbora, milho e feijão.

As características predominantes de agricultura familiar encontradas no município passaram, assim como em todo o país, pela modernização da agricultura através da Revolução Verde, pois no início o município contava com uma grande venda e compra de suínos, entre outros, com o passar do tempo, a agricultura se tornou aliada e atualmente o município conta com uma economia baseada na agropecuária.

2.1 A COMUNIDADE DO AREIÃO

Situada a 40 km do município, a comunidade do Areião, local de realização da pesquisa, possui características da agricultura familiar. Possui uma população de aproximadamente 750 habitantes, número esse estimado da população do ano de 2020, segundo informações das agentes comunitárias locais; sendo uma das comunidades com maior número de habitantes do município. A seguir, na **Figura 2**, pode-se observar a localização da comunidade do Areião.

Figura 2 – Mapa com localização da comunidade do Areião.



Fonte: Google Earth, 2020.

Alguns dados exploratórios serão parte de observações do autor enquanto morador da comunidade e de outros moradores. Nesta coleta de dados, foi importante levar em conta a metodologia da história oral, pois o trabalho foi realizado com pessoas que contam uma história que ainda não foi cotejada pela historiografia. Estas pessoas fazem parte do início da formação da comunidade e, assim, formaram identidades e apresentaram suas memórias pessoais e coletivas. Para que essa diversidade pudesse mostrar suas raízes, utilizou-se uma metodologia da História Oral, baseada na obra de José Carlos SebeMeihy e Suzana Salgado Ribeiro (2011). A História Oral compõe-se de uma série de registros gravados de um determinado grupo social em seu contexto, para um determinado fim, seja ele institucional, bancos de histórias, grupos profissionais ou culturais, empresas, testemunhos etc. Além de proporcionar que outros pesquisadores venham fazer uso das pesquisas. (MEIHY; RIBEIRO, 2011: p. 15)

Em relação à história da comunidade do Areião, um dos únicos registros encontrados para construir a pesquisa foi um relato realizado por uma moradora, Eugenia Eichelbom, de 70 anos, a qual produziu um trabalho a pedido de sua professora quando estava concluindo seus estudos no EJA (Educação de Jovens e Adultos) no ano de 2014 no componente de história, ofertado na Escola Municipal do Areião. Segundo dona Eugenia, o trabalho foi construído a partir das lembranças que a mesma tinha das histórias contadas pelo seu avô - o qual não foi citado o nome - e com pesquisas realizadas pela mesma com alguns moradores mais antigos da comunidade que são descendentes da família Jensen. Segundo o relato, a

comunidade do Areião surgiu com a chegada de imigrantes, por volta dos anos de 1885, com a família Jensen. O pai era o Sr. Emílio Jensen, que trouxe a família toda para a localidade. O meio de locomoção utilizado pela família foi a carroça até a chegada na localidade de Tereza Cristina. Logo após, desceram o rio Ivaí de canoa até onde hoje é chamado de “Bairro dos Block”, onde construíram suas residências do outro lado do rio. Ao passar dos anos, a localidade se tornou parte do município de Prudentópolis-PR. Foram abertas “picadas” do rio Ivaí até o local que ficou conhecido como Areião. Algumas das famílias chegaram por volta de 1896, as quais migraram de países da Europa para o hemisfério sul fugindo de guerras que estavam acontecendo naquele período.

As famílias que chegaram na comunidade com o passar do tempo foram as polonesas: Grabicoski, Pasiecznik, Koziel, Flack, Schamagalski, Baranek, Kolecke, Haidamack e Viglus; os ucranianos: Krevicz, Kosluk e Boroszk, e as famílias alemãs: Jensen, Reineke, Block, Becker, Krauser, Schmidt, Cellarius e Westphal. Até hoje descendentes de todas essas famílias residem na comunidade. De início, as famílias teriam se alojado em um barracão sob precárias condições de sobrevivência logo após ter desembarcado no Brasil. O governo os ajudou a adquirir um terreno de dez alqueires, pagando ao governo o valor da terra, que era de dois mil réis o alqueire.

Em 1920, foi aberta uma estrada desde o rio Ivaí, passando pelo Areião, até encontrar com a estrada que dá acesso à localidade de Três Bicos. Para sobreviver, faziam pequenas lavouras, criavam alguns animais, como porcos e galinhas. Os que possuíam melhores condições conseguiram montar pequenas fábricas de cachaça e também faziam açúcar amarelo e rapadura, bem como farinha de milho, feita por monjolos tocados pela força da água. No entanto, sofriam muito pela falta de acesso ao atendimento de saúde e falta de medicamentos. Utilizavam remédios caseiros, compressas de água e plantas medicinais.

Segundo dona Eugenia, os imigrantes se preocupavam com a religião e a educação dos filhos. Por esse motivo, as primeiras missas eram realizadas na casa dos imigrantes, antes dos anos de 1920, e o padre que conduzia os cultos se deslocava de outro município. Para chegar à comunidade, o meio de transporte do padre era o cavalo ou a carroça. A primeira escola do Areião foi construída por volta de 1925, pelos próprios imigrantes poloneses, sendo que o primeiro professor

lecionava de manhã em polonês e à tarde em português. A seguir, na **Fotografia 1**, pode-se observar amplamente a comunidade do Areião atualmente.

Fotografia 1 – Foto retirada na serra que delimita a comunidade do Areião



Fonte: Guilherme Arruda Novakoski

Atualmente, a base econômica da comunidade do Areião gira em torno da criação de gado de corte e leiteiro, apicultura, sericicultura, marcenaria, cultivo de maracujá, feijão, milho e soja. Com relação aos serviços disponíveis, a população conta uma escola com educandos do 1° a 5° ano, possui um posto de saúde, uma loja de moto peça, uma loja de materiais de construção, uma oficina mecânica e borracharia, um cabelereiro, um campo de futebol e uma quadra de futsal, cinco igrejas, quatro bares e três mercados.

A história da formação da comunidade tem relacionamento com a forma de trabalho existente. Hoje, muitas famílias da comunidade não têm uma renda fixa, pois são pouquíssimas as oportunidades de trabalho assalariado. As famílias sempre trabalharam individualmente nos terrenos que adquiriram. Cada família trabalha para seu sustento e em poucos momentos acontece o trabalho coletivo, a mão de obra na comunidade em relação ao trabalho na roça está ficando escasso, pois os maquinários agrícolas estão tomando cada vez mais espaço no meio rural, deixando desse modo, a mão de obra de lado, uma vez que os maquinários realizam a maior parte do serviço.

CAPÍTULO 3: OS/AS JOVENS DO AREIÃO E O ÊXODO RURAL

Neste capítulo serão apresentados os dados levantados com a realização das entrevistas com os/as jovens da comunidade do Areião. Dessa forma, será buscado referências em autores que tratam dos temas relacionados a “juventudes” e “êxodo rural”, com o propósito de obter informações para embasar a análise dos dados, partindo das respostas dos/as entrevistados/as, suas perspectivas e os motivos da permanência ou não no meio rural.

Antes de adentrarmos às informações, cabe aqui salientar que o grupo pesquisado possui uma classe social definida. Pertencente ao grupo dos filhos e filhas dos agricultores da agricultura familiar. Haja vista que um dos objetivos neste trabalho é dar visibilidade aos/às jovens rurais, a fim de preservar a ética, manter o sigilo das pessoas entrevistadas, preferiu-se escolher nomes fictícios a estes sujeitos ao logo da exposição dos dados.

3.1 EDUCAÇÃO E TRABALHO NA COMUNIDADE DO AREIÃO

Foi realizada uma pesquisa com os/as jovens que permaneceram na comunidade do Areião com o objetivo de compreender o que fez com que estes/as permanecessem na comunidade mesmo depois de concluírem seus estudos na Educação Básica. Foi possível observar que a grande maioria destes jovens concluíram o ensino médio, outros até estão cursando o ensino superior. A permanência destes/as jovens no campo tem grande relação com os laços familiares, pois muitos citam que permaneceram no campo por trabalharem com seus pais:

Porque trabalho junto com meu pai, sou operador de máquinas agrícolas e mecânico (Marcos, 19 anos).

Para ajudar meus pais e para continuar com a agricultura (Lucas, 19 anos).

Outros jovens relatam que não se acostumaram a vida corrida da cidade e que as oportunidades de emprego são melhores para aqueles que já possuem o ensino superior:

Ah, eu decidi permanecer aqui porque na cidade é bom pra quem tem ensino superior, que pode pegar um serviço melhor. Aqui no sítio é bom porque o meio de vida é mais barato que o da cidade (Júlio, 18 anos).

Fui morar em Curitiba, porém não me adaptei à vida corrida da cidade grande (Maria, 20 anos).

Nas entrevistas, os jovens relataram ser possível cursar o ensino superior (faculdade) mesmo morando na comunidade:

Sim, tem bastante gente que faz faculdade, o problema é a distância, mas sempre “se vira”, um ajuda o outro (João, 21 anos).

Sim. Porque na cidade de Cândido de Abreu tem a faculdade Uningá, que disponibiliza cursos à distância para os jovens (Roberto, 19 anos).

Sim. Temos a opção de cursar as faculdades à distância, assim como a Universidade Federal Fronteira Sul (Maria, 20 anos).

Nos discursos, pode-se notar que estes/as jovens possuem diferentes formas de ingressar no ensino superior, além de relatarem que possuem interesse em se inscrever em algum curso (superior ou técnico) para melhorar seus conhecimentos e, dessa forma, poder continuar no campo e obter os saberes necessários para aprimorar seu trabalho:

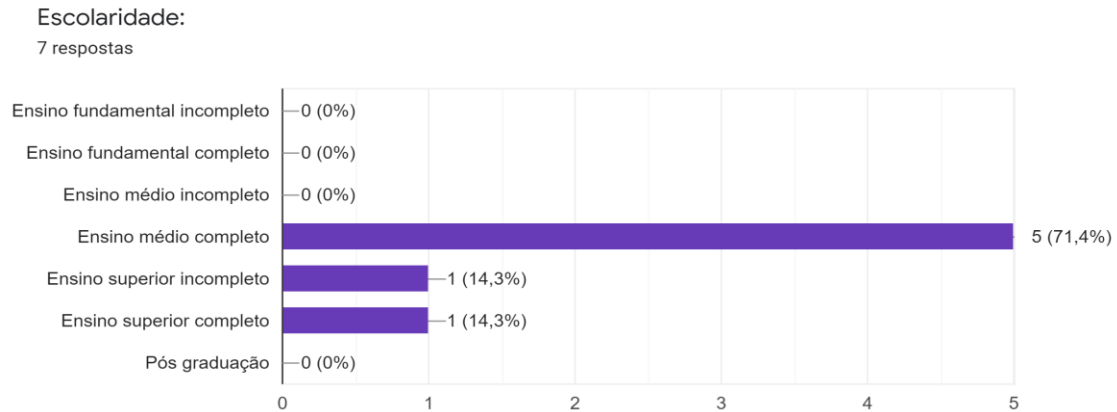
Sim, quero fazer um curso técnico de eletrônica e desejo fazê-lo para conhecer melhor as partes elétricas das máquinas e veículos já que gosto de mecânica bruta e assim eu me especializaria melhor (Marcos, 19 anos).

Atualmente já estou cursando uma faculdade, curso de agronomia, o curso escolhi porque pretendo com essa formação buscar melhorias para as plantações, colheitas, da minha própria família (Lucia, 21 anos).

As respostas de Marcos e Lucia representam a importância dada por estes/as jovens à formação educacional, não apenas para deixarem o campo, mas para permanecerem nele. Como citam Menezes, Souza e Pereira (2012): “A educação representa para os jovens rurais uma vantagem, que é a possibilidade de construir melhores condições profissionais e financeiras” (MENEZES; SOUZA; PEREIRA, 2012, p. 07).

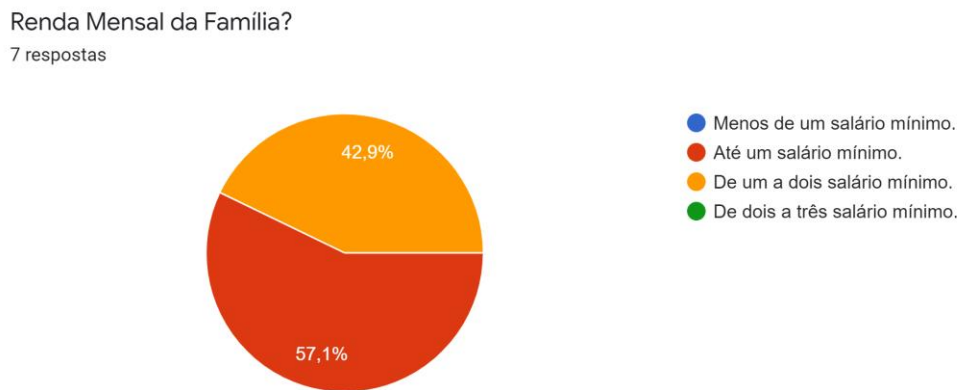
Sobre a escolaridade e a renda média familiar destes jovens, é possível observar os gráficos a seguir:

Gráfico 1: Escolaridade de jovens que permaneceram na comunidade do Areião.



Fonte: Autor, 2021.

Gráfico 2: Renda mensal familiar dos jovens que permaneceram na comunidade do Areião



Fonte: Autor, 2021.

O trabalho no campo inicia muito cedo na vida do/a jovem, na maioria das vezes ainda enquanto criança. De início, realizam trabalhos mais leves, depois vão desempenhando as mesmas funções que os adultos de sua família. Dependendo, o/a jovem trabalha no próprio grupo familiar ou em propriedades vizinhas. Estes trabalhos, sobretudo nas pequenas propriedades, são basicamente braçais e de baixa remuneração.

Ao questionar os/as entrevistados/as em relação ao trabalho/emprego na comunidade, responderam que a comunidade oferece trabalho, porém de modo esparsos, por serem trabalhos pagos por dia, ou seja, serviços desenvolvidos na agricultura e que dependem de uma certa sazonalidade:

Aqui é difícil a questão de emprego, a maioria das pessoas, inclusive jovens, trabalham na lavoura com plantação de soja, milho, feijão, assim como a sericicultura, roçada de pasto, cercas. Para as mulheres, serviços domésticos e babás (Maria, 20 anos).

Aqui na nossa comunidade é bom de serviço, sempre tem o que fazer, mas não um serviço fixo e sim por dia trabalhado (João, 21 anos).

Em relação à permanência no campo, os/as jovens relataram que não pensam em sair da comunidade, e que pretendem, no máximo, morar em comunidades vizinhas, mas permanecer no campo:

Penso em de aqui há um tempo morar na comunidade vizinha, que faz divisa com a comunidade do Areião (Marcos, 19 anos).

Nunca pensei em sair daqui (João, 21 anos).

Não penso em sair, gosto muito do Areião em todos os termos (Júlio, 18 anos).

Os/as jovens entrevistados/as revelaram, além disso, que gostam de viver no campo e citam as vantagens de residir no Areião. Não excluindo os problemas, segundo eles o que os obrigaria a sair do campo é a busca de melhores condições de vida, pois parece haver um consenso entre eles/as que na cidade há melhores probabilidades de se viver melhor. Essa perspectiva sobre o mundo urbano como capaz de proporcionar maiores oportunidades é um dos fatores principais na discussão sobre migração e êxodo rural. Além disso, parece estar atrelada intimamente à formação na Educação Básica, poucas vezes pautada por um modelo educacional alternativo, *do, no e para* o campo, preconizado pela Educação do Campo.

3.2 VIDAS NA CIDADE: PARA ONDE VÃO E O QUE FAZEM OS JOVENS QUE SAEM DO AREIÃO

A intensa migração dos jovens do campo para as cidades favoreceu o processo de invisibilidade destes sujeitos, seja no campo, seja no próprio meio urbano. No que tange à questão do trabalho/emprego, a literatura sobre a temática distingue duas razões principais para a saída dos jovens do meio rural: a primeira é a oferta de trabalho remunerado e a segunda razão são as dificuldades do trabalho agrícola (MENEZES; SOUZA; PEREIRA, 2012, p. 05).

Nessa perspectiva, nas entrevistas os jovens relataram a sua visão em relação ao trabalho ofertado pela comunidade:

Ruim, por causa da qualidade de trabalho e remuneração (Beto, 24 anos).

Emprego no Areião praticamente não tem, só na lavoura (Carlos, 23 anos).

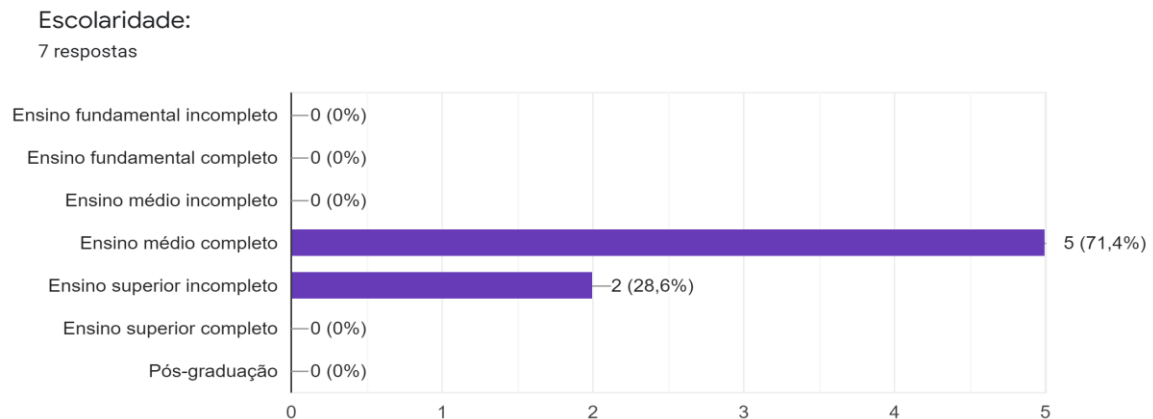
Nesse sentido, os/as jovens parecem optar por sair do campo muito em função do tipo de trabalho que entendem ser preponderante nesse espaço. Um trabalho, em sua perspectiva, “mais sofrido” e sem a remuneração que almejam. Assim, a saída para a cidade passa pela busca de melhores condições de vida, estudo, trabalho e melhores salários. Ao responderem sobre os motivos que os levaram a sair da comunidade, a grande maioria dos/as jovens respondeu que saíram por melhores meios de sobrevivência e formação educacional:

Eu decidi sair da comunidade para buscar uma vida melhor, para estudar e buscar um emprego bom (Marcelo, 23 anos).

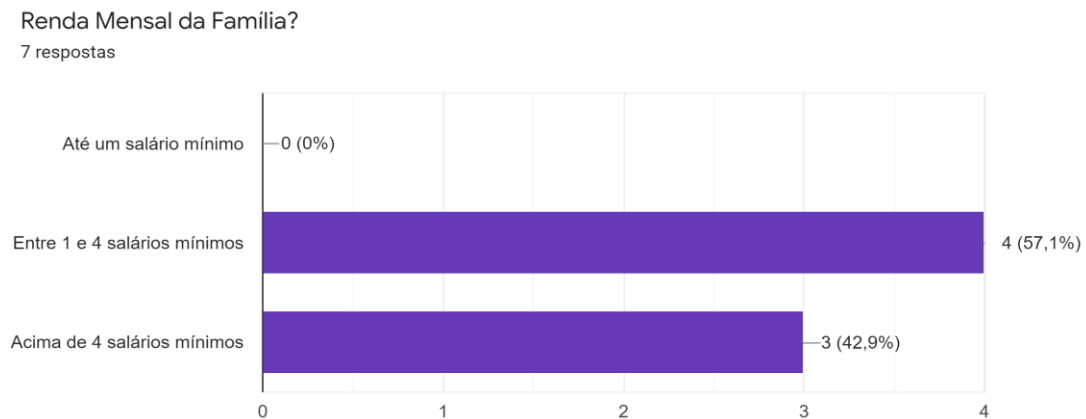
Melhor qualidade de vida (Márcia).

Para ter mais oportunidades de crescimento profissional e pessoal (Ana, 26 anos).

A partir das respostas dos/as entrevistados, é possível analisar a escolaridade e renda média destes jovens:

Gráfico 3: Escolaridade de jovens que deixaram a comunidade

Fonte: Autor, 2021

Gráfico 4: Renda mensal familiar dos jovens que deixaram a comunidade

Fonte: Autor, 2021.

Sobre a renda mensal que estes/as jovens possuíam no momento da entrevista, foi possível observar que todos recebem entre um (1) e quatro (4) salários mínimos. De acordo com sua opinião, uma renda melhor se comparada ao tipo de trabalho que realizavam enquanto moradores/as da comunidade, uma vez que a maior parte disse trabalhar na agricultura:

Trabalhava na roça era agricultor (Carlos, 23 anos).

Trabalhava por dia e em alguns trabalhos por empreitada (Beto, 24 anos)

Era estudante (Ana, 26 anos).

Nenhuma, não trabalhava (Paula, 18 anos).

Nota-se que entre as jovens, o trabalho doméstico acaba não sendo citado e até compreendido como um trabalho. Essa questão é importante para compreender os dados relativos à saída do campo, que revelam uma maior porcentagem de mulheres do que de homens. A invisibilização e desvalorização (incluindo a remuneração) do trabalho feminino e a busca por autonomia frente a uma estrutura patriarcal leva as jovens a procurarem a cidade mais do que os homens.

Atualmente, estes/as jovens possuem diferentes ocupações na cidade e relataram receber uma remuneração que consideram “condizente” com os cargos que ocupam. Luís, quando saiu da comunidade, teve seu primeiro emprego como repositor e atualmente é técnico montador em uma empresa. Ana contou que seu primeiro emprego na cidade foi como atendente e hoje é instrutora de inglês. Ao analisar a vida que possuíam na comunidade do Areião, relataram a baixa remuneração em comparação com os trabalhos oferecidos na cidade. Por outro lado, reconheceram a necessidade de políticas públicas pelo município de Cândido de Abreu voltadas à juventude para que os/as jovens das comunidades rurais possam escolher permanecer no campo. Sobre quais políticas os/as jovens consideram importantes para o campo, citaram:

Algo que os ajude em seus planos para que possam desenvolver os trabalhos do campo com mais ânimo e que os façam ver o seu trabalho sendo reconhecido. Ex: valor de feijão, milho, maracujá, entre outros, com preço bom de venda (Beto, 24 anos).

Mais incentivo por parte do governo na área do Agro. Ex.: Pronaf, associação de maquinários para pequenos agricultores (Márcia, 24 anos).

Deveria ter mais acesso e disponibilidade de cursos preparatórios e um melhor acesso logístico (Luís, 28 anos).

Em relação à inserção dos jovens da comunidade no ensino superior, alguns avaliaram que o município incentiva, mas deveria atuar de maneira mais efetiva para que isso se concretize

Não, eu acho que os que realizam o ensino superior é por vontade própria de realizar algo, acredito que deveria ser implantado uma maneira mais eficiente de transporte (Ana, 26 anos).

Para uma outra entrevistada, a oferta de curso superior na região pode ser aproveitada pelos jovens da comunidade, sem a necessidade de políticas públicas e incentivo do município:

Sim, porque tem EAD na cidade, vestibulares gratuitos no final do ensino médio (Márcia, 24 anos).

Para finalizar a entrevista, os/as jovens foram questionados se voltariam a morar na comunidade do Areião, uma vez que a maioria deles moram em cidades grandes como: Ponta Grossa, Curitiba, Joinville, mas suas famílias ainda residem na comunidade. Em resposta, afirmaram:

Não...pretendo continuar minha trajetória de vida na cidade pelas condições e remuneração que me proporciona (Beto, 24 anos).

Talvez quando for mais velho. Quando tiver um maior estudo e conseguir algum emprego bom, para ficar perto da família (Marcelo, 23 anos).

Gostaria. Porém, seria muito difícil uma vez que já possuo uma vida estabilizada em outra cidade (Luís, 28 anos).

Não, acho um lugar bom para passar férias e visitar os familiares e amigos apenas. (Ana, 26 anos).

As entrevistas apontam para uma dualidade nos projetos de vida dos jovens do campo, “pois enquanto alguns planejam ir para cidade outros planejam permanecer no campo” (MENEZES; SOUZA; PEREIRA, 2012, p. 06).

Os que desejam ficar querem profissionalizar-se e atuar no campo em atividades agrícolas, ou seja, continuar trabalhando na agricultura. Já os que pretendem sair não se identificam com o trabalho agrícola e não o veem como promissor. A busca por autonomia não foi citada, apesar de sabermos que uma pesquisa de campo de viés etnográfico poderia revelar outras informações que muitas vezes escapam às entrevistas realizadas de forma remota. Além disso, a questão da desvalorização do meio rural e de suas práticas culturais também não pôde ser abordada no momento, o que certamente iria complementar a descrição dos motivos para deixar a comunidade ou permanecer nela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi o de conhecer e compreender os motivos que levam os/as jovens da comunidade do Areião a saírem ou permanecerem no campo, bem como avaliar as perspectivas dos/as jovens sobre suas vivências nesse processo de sair ou permanecer. Para tanto, foram utilizadas referências bibliográficas de relevância para o campo de estudos das juventudes e juventudes rurais/do campo, sendo estas as bases teóricas do trabalho.

Nessa perspectiva, os estudos que tratam dos jovens do meio rural deparam-se com uma diversidade de estratos juvenis em que este grupo social se divide. São realidades múltiplas e, por isso, a ausência de uma matriz analítica que seja capaz de dar conta desta pluralidade não nos permite conceituar de modo definitivo estes sujeitos. Isso significa entender que existem juventudes em um aspecto mais amplo, com distintas formas de sobrevivência e lutas cotidianas, assim como o campo se caracteriza de forma também heterogênea. Todavia, a literatura específica deste campo de investigações vem apontando que omitir o uso do termo no singular em favor do plural, juventudes rurais, é o caminho mais coerente para seguir.

Percebeu-se, por meio das entrevistas, que os jovens que optaram por permanecer na comunidade do Areião pretendem seguir vivendo no campo e realizar seus projetos de vida na própria comunidade. Muitos desses jovens pretendem prosseguir com as atividades agrícolas ensinadas por seus familiares, somente buscando aperfeiçoar-se para dar continuidade aos projetos na agricultura. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma concepção do rural sendo retratada de um modo mais amplo e de valorização ao sujeito do campo, da sua vivência e de seus espaços. Dessa forma, surgem novas possibilidades de desenvolvimento, pois no momento em que o/a jovem aperfeiçoa seu conhecimento em determinada área e opta por permanecer no campo, está trazendo conhecimentos que foram adquiridos e promovendo melhorias em relação ao desenvolvimento rural.

Os/as jovens entrevistados/as que deixaram a comunidade apontaram a educação como central para alcançar melhores condições de vida. Segundo estes jovens, a principal razão que os levou a deixar o campo seria a busca de oportunidades de trabalho e educacionais. Nesse contexto, pode-se analisar que

viram seus projetos de vida serem mais bem-sucedidos e mais prováveis de se tornarem reais quando buscaram o meio urbano, local onde conseguiram trabalho e uma remuneração que consideraram aceitável, bem como melhor qualidade de vida, de acordo com seus apontamentos.

Seria relevante aprofundar algumas questões em trabalhos futuros. A primeira delas seria a de que os/as jovens em foco não indicaram o lazer como relevante na escolha de sua permanência ou não no campo. Sabe-se que para além de trabalho e formação, o meio urbano proporciona o acesso à inúmeras atividades de lazer e consumo que são apresentadas aos jovens como sinônimo de qualidade de vida. Essa hipótese seria, portanto, de que o lazer e o consumo são também fatores importantes para pensar o êxodo de jovens do meio rural para as cidades. Para tanto, poderia ser realizada uma pesquisa mais ampla, de caráter qualitativo e quantitativo, por amostragens representativas da população rural, tema que pode ser desenvolvido a partir deste trabalho.

A inexistência de políticas sociais que incentivem a permanência desses jovens na agricultura familiar é um fator que não apenas colabora para a invisibilidade da juventude rural/do campo, mas também para sua não-permanência no campo. Esta seria outra questão possível de ser aprofundada em um trabalho futuro.

Portanto, espero que este trabalho tenha contribuído para o conhecimento de que as juventudes são grupos sociais em frequente transformação, que se reinventam diariamente em função das próprias identidades. Os estudos que envolvem essa população devem levar em consideração suas especificidades, assim como devem buscar integrar cada vez mais as juventudes mais distantes das discussões que envolvem suas situações sociais, econômicas e políticas. Além da relevância do tema estudado, a pesquisa visou contribuir para a ampliação do conhecimento do processo migratório, compreendido também como resultado das contradições sociais.

REFERÊNCIAS

- CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Texto para discussão n. 621. Rio de Janeiro; Brasília: IPEA, 1999.
- CASTRO, A. M. G. de; LIMA, S. M. V; SARMENTO, E. P. de M; VIEIRA, L. F. **Juventude rural, familiar e políticas de acesso à terra no Brasil**. Brasília: Ministério de Desenvolvimento Agrário, 2013. Disponível em: <http://repiica.iica.int/docs/B3898p/B3898p.pdf>. Acesso em: 24 de nov. 2020.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural: “apenas uma palavra” ou “mais que uma palavra”. **XXIX Encontro Anual da Anpocs**, Rio de Janeiro, v. 0, n. 0, p. 1-38, 25 out. 2005.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre Ficar e Sair**: uma etnografia da construção da categoria jovem rural. Elisa Guaraná de Castro. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2005.
- COELHO, Elida Nadir dos Santos. **Juventude Rural e a Permanência no Campo: um olhar sobre as perspectivas dos jovens rurais filhos de agricultores familiares do Distrito de Morrinhos no município de São Jerônimo**. 2013. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Arroio dos Ratos (Rs), 2013. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/87488> >. Acesso em: 24 abr. 2021.
- ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. **VI Congresso Português de Sociologia**. Universidade Nova de Lisboa, 26 a 28 de junho de 2008. Disponível em: <http://associacaoportuguesasociologia.pt/vicongresso/pdfs/254.pdf>. Acesso em: 24 de nov. 2020.
- GAZETA DO POVO: **Uma utopia socialista à beira do Ivaí**. Paraná, 31 maio 2013. Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/uma-utopia-socialista-a-beira-do-ivai-0aubiagxjvu6f1lqa5ns7b4ni/> >. Acesso em: 25 abr. 2021.
- GIACOMELLI, Anderson Mateus. **Juventude rural, permanência no campo e a sucessão na agricultura familiar**: diálogos e reflexões a partir da política nacional de habitação rural. Chapecó: UFFS, 2015 (Trabalho de Conclusão de Curso).
- IPÓLITO, Verônica Karina. PRIORI, Angelo. POMARI, Luciana Regina. AMÂNCIO, Sílvia Maria. **A modernização do campo e o êxodo rural**. História do Paraná (Séculos XIX e XX). Maringá: Eduem, 2012. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-10.pdf> >. Acesso em: 31 de out. de 2020.

LIBÂNIO, João Batista. **Jovens em tempos de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MENEZES, Anizia Eduarda Nergues; SOUZA, Bruna Silva de; PEREIRA, Viviane Souza Santos. **Perspectivas da juventude rural no ensino superior**. In: **VI colóquio internacional de “educação e contemporaneidade”**. São Cristovão- SE: 2012.

SANTOS, Ana Caroline Trindade dos. **Juventude rural e permanência no campo: um estudo de caso sobre a juventude do assentamento rural flor do Mucuri/SE**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009 (Dissertação (Mestrado do Curso de Serviço Social).

SILVA, J. G. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: UNICAMP/IE, 1996.

SOUSA, João Paulo Aguiar de. **AS PERSPECTIVAS POLÍTICAS DA JUVENTUDE RURAL DO MUNICÍPIO DE VALENÇA- BA**. 2015. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- Ufrb, Cachoeira - Ba, 2015. Disponível em: < <https://ufrb.edu.br/servicosocial/tccs/category/10-tcc-2014-2?download=170:joo-paulo-aguiar-de-sousa#:~:text=Political%20vision.&text=O%20objetivo%20do%20presente%20trabalho,da%20juventude%20rural%20neste%20territ%C3%B3rio>>. Acesso em: 04 maio 2021.

STRACHULSKI, J. FLORIANI, N. **Formação do sistema Agrário na Região tradicional do Paraná: Um estudo de caso da comunidade rural Linha Criciumal em Cândido de Abreu**. Revista extensão rural, DEAER-CCR. Santa Maria, v 21, n.3 Jul/Set 2014.

TEODORO, Amanda Caroline. **A MEMÓRIA COMO RAIZ DA IDENTIDADE: SUJEITOS HISTÓRICOS DA LINHA JACARÉ EM CÂNDIDO DE ABREU/PR**. 2018. 58 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, 2018. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/2946/1/TEODORO.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2021.

TROIAN, Alessandra. BREITENBACH, Raquel. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. **Interações** (Campo Grande) vol.19 no.4 Campo Grande Oct./Dec, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122018000400789. Acesso em: 21 de nov. de 2020.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes Históricas do Campesinato brasileiro. Caxambu: **ANPOCS**, 1996. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2014/06/Texto-5.pdf>. Acesso em: 22 de nov. 2020.

WEISHEIMER, Nilson. **A situação juvenil da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2009 (Tese de Doutorado em Sociologia).

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais**: mapa de estudos recentes. Brasília:

Sites consultados:

Câmara Municipal de Cândido de Abreu. Disponível em:

<<http://www.cmcandidodeabreu.pr.gov.br>>. Acesso em 24 de abr. de 2021.

Google Earth. Disponível em:

<https://satellitemap.gosur.com/pt/?gclid=Cj0KCQiAkuP9BRCKARIsAKGLE8XM7USJxpWSnwCTP97izsNq3P8682JseHncbt_yoq46oK4_yVIBcaAhq4EALw_wcB#>.

Acesso em 21 de nov. de 2020.

IBGE - Estatística população de Cândido de Abreu. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/candido-de-abreu.html>>. Acesso em 21 de nov. de 2020.

Prefeitura Municipal de Cândido de Abreu. Disponível em:

<<http://www.candidodeabreu.pr.gov.br/>>. Acesso em 24 de abr. de 2021.

APÊNDICE 1

Questionário aplicado aos/às jovens que saíram da Comunidade do Areião

- Nome completo
- Data de nascimento
- Escolaridade:
- Sexo;
- Renda Mensal da Família?
- Qual sua profissão/trabalho em que atua?
- Qual foi o primeiro trabalho em que atuou quando saiu da comunidade?
- Enquanto morava na comunidade, qual era sua profissão/trabalho?
- Por que decidiu sair da comunidade?
- Qual sua visão em relação ao trabalho/emprego na comunidade do Areião?
- Você gostaria/pretende voltar a morar na comunidade do Areião? Explique, por favor, o motivo.
- Familiares seus residem na comunidade do Areião atualmente? Se sim, quais?
- Na sua opinião, a comunidade e o município incentivam a inserção de jovens da comunidade do Areião no ensino superior? Se sim, explique, por favor, como você considera que isso é feito? Se não, explique, por favor, o que você acha que deveria ser feito a esse respeito?
- Na sua opinião, quais políticas e ações deveriam ser desenvolvidas para melhorar a vida dos jovens do campo? Explique, por favor.

APÊNDICE 2

Questionário aplicado aos/às jovens que permaneceram na Comunidade Areião

- Qual seu nome? Sua idade?
- Sexo:
- Escolaridade:
- Renda Mensal Familiar:
- Qual sua profissão?
- Por que decidiu permanecer na comunidade?
- Qual sua visão em relação ao trabalho/emprego na comunidade?
- Em sua opinião, é possível cursar o ensino superior (faculdade) morando na zona rural? Justifique sua resposta, por favor.
- Você tem interesse em cursar uma faculdade? Se sim, qual curso e qual instituição? Por favor, conte-me mais sobre por que escolheu esse curso e essa instituição.
- Em sua opinião, as políticas públicas do município buscam auxiliar os jovens do campo na inserção no mercado de trabalho na própria zona rural? Por favor, justifique sua resposta.
- Você pensa em sair da Comunidade do Areião? Se sim, para qual outra comunidade ou cidade e por que?

APÊNDICE 3

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Título da Pesquisa: A MIGRAÇÃO ENTRE JOVENS DA COMUNIDADE DE AREIÃO, CÂNDIDO DE ABREU/PR: UM ESTUDO DE CASO SOBRE ÊXODO RURAL

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de trabalho de conclusão de curso (TCC) ***A MIGRAÇÃO ENTRE JOVENS DA COMUNIDADE DE AREIÃO, CÂNDIDO DE ABREU/PR: UM ESTUDO DE CASO SOBRE ÊXODO RURAL***, desenvolvida por **Guilherme Arruda Novakoski**, discente de graduação no curso Interdisciplinar em Educação de Campo – Ciências Sociais e Humanas: Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *campus* Laranjeiras do Sul, sob orientação da Profa. Dra. Fernanda Marcon. O objetivo central do estudo é compreender a migração dos jovens da comunidade do Areião e suas principais motivações ao deixar o campo.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar ao pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder a perguntas do pesquisador via entrevista online. As entrevistas poderão ser armazenadas por até 5 anos em arquivo pessoal, somente para fins de consulta do pesquisador.

Os benefícios relacionados com a sua colaboração nesta pesquisa consistem na produção de uma importante documentação sobre a vida dos jovens do campo e suas condições de trabalho e estudo.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

Laranjeiras do Sul, março de 2021.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante:

Assinatura: